

**CULTURAS DA PEQUENA INFÂNCIA
E CULTURAS PRODUZIDAS PARA
A PEQUENA INFÂNCIA:
A PRODUÇÃO ACADÊMICA
DA ANPEd***



Ana Cristina Coll Delgado**
Daliana Löffler***
Carolina Machado Castell****
Rachel Freitas Pereira*****

Resumo: *com base nos estudos da infância, o artigo analisa as produções do Grupo de Trabalho “Educação da criança de 0 a 6 anos”, publicadas de 2000 a 2017, nos Anais das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) a respeito das culturas da pequena infância e das culturas produzidas para a pequena infância. A partir de uma revisão bibliográfica, foram analisados aspectos relacionados à contextualização dos trabalhos, às concepções de bebês e crianças bem pequenas, bem como elementos de suas culturas, sobretudo, na creche. O estudo considera a necessidade de conhecer as produções*

* Recebido em: 16.09.2020. Aprovado em: 21.04.2020.

** Doutora em Educação (UFF). Professora do PPGEd Unoesc. Professora Aposentada UFPEL. Líder do Grupo de Pesquisa Crianças, Infâncias e Culturas. *E-mail:* anacoll@uol.com.br

*** Doutora em Educação (UFPel). Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico lotada na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo/Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Crianças, Infâncias e Culturas. *E-mail:* daliana.loffler@ufsm.br

**** Doutora em Educação (UFPel). Pedagoga lotada na Reitoria do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Crianças, Infâncias e Culturas. *E-mail:* m.carolinacastelli@gmail.com

***** Doutora em Educação (UFRGS). Professora na Universidade Federal do Pampa. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Crianças, Infâncias e Culturas. *E-mail:* rachelpereira@unipampa.edu.br

sobre a temática, para contribuir com a qualificação da formação de professoras/es de educação infantil.

Palavras-chave: *Culturas da infância. Pequena infância. Produção acadêmica.*

No presente artigo, apresentamos uma revisão bibliográfica das produções acadêmicas do Grupo de Trabalho 07 “Educação da criança de 0 a 6 anos” (GT 07). Essas foram publicadas nos Anais das Reuniões Nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e tratam sobre as culturas da pequena infância e as culturas produzidas para a pequena infância no período de 2000 a 2017. Tais discussões foram produzidas a partir de uma investigação realizada por participantes do Grupo de Pesquisa Crianças, Infâncias e Culturas (CIC), o qual buscou identificar os trabalhos publicados na ANPEd, durante esse período, os quais discutiam a temática das culturas que envolvem a pequena infância¹, tanto em processos de (re)produção pelas próprias crianças, quanto em relação àquilo que é produzido para elas – o que também serve como base para as próprias crianças reelaborarem as suas culturas.

Nossa escolha em direcionar os olhares a esses subgrupos etários, pertencentes à categoria geracional infantil (SARMENTO, 2005), tem como intuito dar visibilidade aos seus modos de ser, estar e se relacionar com o mundo. Essa visibilidade se faz necessária, pois, até recentemente, o bebê era visto, em muitos casos, como um tubo digestivo (NEYRAND, 2000), isto é, compreendido somente como um ser biológico, alheio à cultura e incapaz de ações e relações sociais. Gottlieb (2013) pontua que, em função de seus modos de viver, particularmente corporais, os bebês foram definidos como seres pré-culturais, pois, em nossa sociedade, os processos corporais foram fortemente associados à natureza biológica. Para a autora, além de reforçar uma cisão entre natureza e cultura, o fato de os bebês serem vistos como pacotes biológicos está relacionado ao não entendimento dos processos corporais como culturais, o que contribuiu para que fossem negligenciados pela literatura antropológica. Nesse sentido, é recente a presença dos bebês na Antropologia e nas Ciências Sociais e na Educação.

No que se refere às culturas infantis (também referenciadas como culturas da infância, culturas infantis, cultura infantil, culturas da pequena infância ou culturas das crianças), a partir dos estudos de Sarmento,

podemos entender² que se caracterizam como culturas próprias, formas de estar, pensar e sentir específicas da infância, necessariamente distintas das do adulto, embora interdependentes dessas (SARMENTO, 2003; 2004; 2005). Na concepção desse autor, as culturas da infância “[...] constituem-se no mútuo reflexo de uma sobre a outra das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas crianças nas suas interações de pares” (SARMENTO, 2003, p. 7). Acrescentamos a compreensão de CORSARO sobre esse assunto, que utilizou o termo “culturas de pares” para se referir ao “[...] conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (CORSARO, 2009, p. 32).

Também para Corsaro, as crianças – e, portanto, a constituição das suas culturas – não estão apartadas de seus grupos sociais mais amplos, o que é perceptível a partir de sua ideia de reprodução interpretativa, proposta para superar a visão tradicional do processo de socialização. Nesse novo conceito, interpretativa se refere aos aspectos inovadores da participação das crianças na sociedade, indicando que elas criam e participam de suas culturas de pares por meio da apropriação de informações do mundo adulto, de forma a atenderem a seus interesses enquanto crianças. Já o termo reprodução propõe que elas sejam afetadas pelas sociedades e culturas das quais fazem parte. Contudo, as crianças não apenas internalizam a cultura, elas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural (CORSARO, 2009).

Tanto SARMENTO quanto CORSARO, ao analisarem as culturas das crianças, referem-se àquilo que é próprio delas, sem desconsiderar suas relações com as tramas culturais das quais fazem parte, que as influenciam e que são influenciadas por elas. Podemos entender que fazem parte dessa circularidade, entre os mundos das crianças e os mundos dos adultos, também as culturas produzidas para a infância. Essas, por sua vez, são materializadas por meio de filmes, séries e canais de televisão, vídeo games, brinquedos, jogos, livros, histórias em quadrinhos, páginas da internet, produtos de alimentação, vestimentas, dentre outros artefatos (BROUGÈRE, 2010).

A diferenciação entre culturas da pequena infância e culturas produzidas para a pequena infância decorre dos estudos de Brougère (2010). Tal autor, por meio de pesquisas sobre o brincar, especialmente

inspirado nas pesquisas de Corsaro, propõe que se deve ultrapassar a oposição entre as culturas produzidas pelas crianças e as culturas produzidas para as crianças. É com base no conceito de agência enquanto potência infantil que Brougère aposta na posição de atores sociais das crianças, tanto individual como coletivamente.

Com relação aos aspectos metodológicos do estudo que desenvolvemos, justificamos a escolha do período recortado, para a revisão da produção acadêmica, (2000 a 2017), porque os Estudos da Infância passaram a ter maior divulgação, no Brasil, desde os anos 2000, especialmente pela Sociologia da Infância³. Da mesma forma, foi nesse período que a consulta aos meios digitais, através de anais eletrônicos da ANPEd, tornou-se mais acessível, podendo a base de dados ser acessada por qualquer pesquisador/a. Além disso, destacamos que nossa opção por pesquisar nos anais da ANPEd se deve pelo fato de ser uma entidade que congrega Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, com incentivo e divulgação da pesquisa educacional entre professoras/es, estudantes e demais pesquisadoras/es da área da educação.

Nesse sentido, o estudo pode se caracterizar como uma revisão bibliográfica, já que analisa a produção de determinada temática, dentro de um recorte de tempo, reunindo e discutindo informações produzidas em uma área de estudos, acerca de um tópico específico (NORONHA; FERREIRA, 2000). A escolha das dimensões analíticas decorrentes da seleção das produções foi inspirada em Ludke e André (1986), pelos seguintes critérios:

- identificação das fontes por intermédio de uma catalogação em meio digital dos arquivos selecionados;
- definição dos aspectos a serem abordados no documento através da elaboração de um quadro de análise, o qual apresenta informações de duas naturezas: uma relativa ao evento, compreendendo a edição, o ano e a temática da reunião; outra relativa ao trabalho em si, com identificação da autoria, título, instituição, objetivo, sujeitos/objetos de pesquisa, referencial teórico, metodologia, concepções de bebês e crianças bem pequenas, além das concepções de culturas da e para a pequena infância. Elegemos esses descritores por possibilitarem um olhar analítico, o qual possa ser, ao mesmo tempo, micro e macroscó-

- pico, isto é, que permita identificar elementos inerentes às particularidades de cada produção, mas também aspectos do contexto histórico, cultural e social mais amplo;
- leituras e fichamentos: realizados após a definição dos aspectos a serem abordados.

Ao acessarmos as páginas das Reuniões Anuais da ANPED, observamos os títulos dos trabalhos completos/trabalhos apresentados, tendo como referência os termos “pequena infância”, “bebês”, “crianças bem pequenas”, “culturas da infância” e “culturas infantis”. Nessa etapa, encontramos 34 trabalhos. Em seguida, realizamos a leitura dos resumos ou, quando necessário, uma leitura flutuante das publicações com a finalidade de atender à especificidade da pesquisa, ou seja, a questão das culturas da pequena infância e culturas produzidas para a pequena infância. Desses, selecionamos 16 trabalhos (ELTINK, 2000; RAMOS, 2000; SILVEIRA, 2001; STRENZEL, 2001; COUTINHO, 2002; 2013; AGOSTINHO, 2004; GUIMARÃES, 2008; MARTINS, 2009; RAMOS, 2011; 2012; SIMIANO; VASQUES, 2011; SANTOS, 2012; CASTRO, 2013; CONCEIÇÃO; FISCHER, 2015; CASTELLI; DELGADO, 2015).

Consideramos que uma revisão bibliográfica com foco nas publicações da ANPED apresenta relevância científica para as pesquisas com e sobre bebês e crianças bem pequenas, contribuindo para um maior conhecimento acerca das crianças e de suas culturas. Dessa forma, na próxima seção do artigo, apresentamos uma contextualização dos 16 trabalhos selecionados no levantamento. Na sequência, relacionamos os aspectos teóricos que fundamentam nossas concepções sobre o tema com o levantamento dos dados.

CONTEXTUALIZAÇÃO DOS TRABALHOS CONSULTADOS

A maioria dos 16 trabalhos apresentados no GT 07 da ANPED e, que compuseram esse levantamento, resultam de pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento no âmbito da Pós-Graduação, em Educação em nível de mestrado e doutorado, sendo nove no total. Desses, sete são em nível de mestrado e dois em nível de doutorado. Observamos, ainda, que a produção dos trabalhos envolveu 12 Instituições de Ensino Superior

(IES), sendo geralmente um por instituição, exceto em dois casos, nos quais uma produção foi realizada entre uma IES – Instituição de Ensino Superior e uma Prefeitura Municipal e outra entre uma Universidade Pública e uma Universidade Privada. A maioria das Instituições com trabalhos que tratam da temática são da Região Sul do país (cinco instituições), seguido da Região Sudeste (três instituições) e das regiões Nordeste e Centro-Oeste (duas instituições cada).

Uma possível interpretação acerca da maior incidência de trabalhos nessas regiões é o fato de que existe uma maior concentração de Programas de Pós-Graduação em Educação (nível mestrado e doutorado) e/ou linhas de pesquisa sobre educação e infância nas regiões Sul e Sudeste, que se dedicam a temas de investigação relacionados aos Estudos da Infância. Assim, isso pode justificar o maior número de trabalhos concentrados nas IES dessas regiões. Olhar para o contexto de produção dos trabalhos apresentados nos desafia a ampliar as pesquisas para os assuntos relacionados à pequena infância, especialmente nos níveis de Pós-Graduação e em outras regiões do país. A identificação da restrição de investigações nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte nos leva a pensar a respeito da necessária produção de conhecimentos acerca das crianças e suas culturas, as quais podem ter implicações nas práticas educativas para e com a pequena infância.

No que tange aos aspectos metodológicos, de modo geral, os trabalhos apresentaram elementos para inferir que as pesquisas que envolvem crianças, em sua maioria, inserem-se no âmbito da etnografia com crianças, pois empregam técnicas de pesquisa baseadas na observação participante por períodos prolongados, em registros escritos ou em registros por meio de imagens. CORSARO (2011), que desenvolveu etnografias com crianças durante muitos anos, compreende-a como um método eficaz, pois seria difícil compreender, por meio de entrevistas ou de questionários com crianças, suas interações e culturas compartilhadas.

Além disso, como alerta Gottlieb, “[...] os bebês de colo recebem bem menos atenção do que as crianças mais velhas”, e os textos sobre eles “[...] ignoraram variações no tempo (mudanças históricas) e espaciais (etnia/raça, classe, religião e gênero)” (GOTTLIEB, 2013, p. 85). Além disso, embora as pesquisas etnográficas tenham, inicialmente, desconsiderado as crianças dessas faixas etárias, seus métodos de descrição e de

análise contribuem para demonstrar a importância da atenção necessária às variações culturais e sociais.

No que se refere aos demais trabalhos, as pesquisas que envolveram a presença dos adultos, geralmente, operaram com técnicas como entrevistas, questionários e encontros para discussões referentes ao tema que estavam pesquisando. Quanto aos participantes das pesquisas, quatro dos 16 trabalhos apresentaram estudos somente com crianças; quatro apresentaram estudos somente com adultos; sete apresentaram estudos com crianças e com adultos, e um não informou os sujeitos, por ser uma pesquisa documental.

Outro ponto merecedor de destaque é o fato de que, em 14 dos trabalhos, percebemos, no título, que o texto abordava questões relativas à educação infantil; já os outros dois, embora não se centrassem nesse tema, apresentavam elementos relacionados à cultura escolar. Portanto, esse será um elemento que se fará presente em nossas análises sobre as culturas da pequena infância e as culturas produzidas pela pequena infância.

No que diz respeito ao referencial teórico que abrange a totalidade dos trabalhos, constatamos que não apresentaram uma unicidade. Neles, foram mencionados autores dos Estudos da Infância de diferentes áreas do conhecimento (História da Infância, Sociologia da Infância, Antropologia da Criança), autores da Psicologia, da Educação e Pedagogia da Infância e da Filosofia. Essa combinação de áreas do conhecimento parece confirmar os desafios postos para as pesquisas da infância, as quais necessitam dialogar com outras disciplinas frente à complexidade das problemáticas em torno das crianças e de suas infâncias.

De 2012 a 2015, foi percebido um número mais expressivo de produções sobre o tema das culturas infantis. Uma hipótese, para esse aumento, que nos parece razoável, é o fato de que os referenciais teóricos, no que diz respeito à concepção dos bebês e das crianças bem pequenas como produtores de culturas estão em crescimento. Ademais, as pesquisas com bebês e crianças bem pequenas, em Programas de Pós-Graduação em Educação, também aumentaram nos últimos anos, ainda que esse aumento não tenha tido um alcance igualitário em todas as regiões do país.

Nas próximas seções, fazemos um recorte de pontos analisados dos trabalhos para discutirmos alguns elementos a respeito das culturas da pequena infância e das culturas produzidas para a pequena infância (so-

bretudo, pelas discussões presentes nos textos, no contexto das creches). Isso, no entanto, não será realizado sem antes analisarmos as concepções de bebês e de crianças bem pequenas neles presentes, pois, como já mencionado, tais concepções têm incidência na construção de saberes que aproximam ou que afastam as crianças das dimensões sociais e culturais.

CONCEPÇÕES DE BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Strenzel (2001), cujo trabalho identificado no levantamento analisou a produção científica, nos Programas de Pós-Graduação em Educação, quanto a orientações pedagógicas para crianças de 0 a 3 anos em creches, destacou que elas são concebidas como pessoas e dignas de estudo, especialmente quando as pesquisas são balizadas pelas Ciências Sociais, que se dedicam a “ver” os meninos e meninas e a pensar sobre eles/as. Mesmo os bebês foram concebidos como seres competentes, capazes de sofisticadas formas de comunicação e de estabelecerem trocas sociais com coetâneos e adultos, por meio de uma rede complexa de relações e de vínculos afetivos.

Ramos (2012) assinalou para a visibilidade dos bebês, o que, segundo ela, ocorre pela ótica de sua posição como protagonistas de enredos construídos com os eventos de seu tempo, com um *status* de participantes criativos na construção de seu espaço social. São, portanto, sujeitos ativos e produtores de culturas, vivendo intensos processos de relações e transformações, de modo a sempre reelaborar novos/outros significados e a produzir condições de criação fundadas em suas relações sociais. As relações sociais são como uma arena da constituição da linguagem, e os bebês, entre eles, estabelecem relações sociais, promovendo constantes interações, as quais revelam uma multiplicidade comunicativa (RAMOS, 2012).

Ainda acerca do estudo de Strenzel (2001), ela chamou a atenção para algumas limitações, em termos de concepções, no período em que analisou as pesquisas dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil sobre as orientações pedagógicas em creches. Verificou que as investigações dos campos da Psicologia e da Pedagogia concebiam as meninas e os meninos das creches como seres abstratos e não situados historicamente. Assim, tinha-se, como

modelo, uma criança padrão, multifacetada em comportamentos e habilidades, um vir a ser. As pesquisas realizadas não consideraram seus contextos de inserção social, nem as variáveis de gênero e etnia. Conforme Strenzel (2001), esses foram estudos que buscaram observar e descrever o comportamento infantil, esquadrinhando o estabelecimento de padrões; a identificação de parâmetros para a descrição do desenvolvimento infantil e tomando, como base, os padrões etários de uma criança única, abstrata, natural.

No mesmo ano, Silveira (2001), por intermédio de um referencial foucaultiano, identificou, em sua pesquisa, um processo denominado de “apequenação” das crianças, o qual as transforma em algo pequeno e/ou menor, sem importância e infantilizada. Em função disso, os atendimentos oferecidos em contexto de educação infantil costumam ser feitos com escassez de investimentos, havendo uma espécie de indolência e negligência por parte dos adultos para com as crianças. A autora justifica suas análises ao observar, no contexto do estudo, por exemplo, um desrespeito ao tempo e ao ritmo das crianças no momento em que todas são colocadas para dormir após almoçar e tomar banho; a não compreensão de que as crianças podem preparar seus pratos ao fazerem uma refeição, a impossibilidade de utilizarem tesouras – mesmo com pontas arredondadas – pois se acredita que elas possam se machucar. A partir desses e de outros relatos, a pesquisadora compreende que algumas práticas pedagógicas constroem o processo de “apequenação” e contribuem para “apequizar” e disciplinar os corpos, os movimentos e os desejos das crianças. Entretanto, Silveira (2001) argumentou que, mesmo que as crianças sejam pequenas, na educação infantil, elas não necessitam ser “apequenizadas”.

É possível uma aproximação entre essas ideias com a discussão de Gottlieb (2013), que defende que a invisibilidade dos bebês, nos estudos antropológicos, também poderia ser justificada pela até então predominante invisibilidade social das mulheres. Mulheres e bebês, assim como outros grupos sociais, foram – utilizando as palavras de Silveira (2001) – “apequenizados” socialmente, o que refletiu na menor produção científica a seu respeito, a qual, por sua vez, também contribuiu na construção do olhar da sociedade.

No entanto, trata-se de uma construção sobre a categoria infantil⁴ tomando-se, como comparativo, a idade adulta, o que podemos problematizar a partir da compreensão de Cohn (2005). Essa estudiosa observa que a diferença entre crianças e adultos é qualitativa e não quantitativa, ou seja, as crianças não sabem menos que os adultos, elas sabem outras coisas.

Nesse sentido, Coutinho (2013) reconhece que os significados que os bebês elaboram são bastante complexos do ponto de vista da capacidade de interpretação adulta. Frente a essa complexidade, ressaltamos a necessidade de olhares atentos a esses significados, os quais apresentam diferentes camadas culturais. Na sequência, dedicamo-nos, então, a buscar compreender a presença de elementos das culturas da pequena infância e das culturas produzidas para a pequena infância nos trabalhos analisados.

CULTURAS DA PEQUENA INFÂNCIA E CULTURAS PRODUZIDAS PARA A PEQUENA INFÂNCIA NA CRECHE

Adentrando na composição das culturas infantis, as quais, para Sarmiento (2004), são constituídas no vaivém entre as culturas geradas, conduzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças e entre as culturas construídas nas interações entre as crianças, podemos identificar quatro traços que marcam a diferença cultural dos mundos infantis dos adultos: a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração (SARMENTO, 2004). A interatividade ocorre quando as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comuns. Já a ludicidade é uma das atividades sociais mais significativas das crianças, pois o brincar é importante para a recriação do mundo e na produção das fantasias infantis. Quanto à fantasia do real, Sarmiento indica que é a transposição imaginária de situações, pessoas, objetos ou acontecimentos. Esse tipo de fantasia seria um elemento central da capacidade de resistência que as crianças possuem diante de situações mais dolorosas da existência. Por outro lado, a reiteração ou a não literalidade tem seu complemento na não linearidade temporal: a criança funde os tempos presente, passado e futuro, o que é próprio da sua capacidade de transposição no espaço-tempo e de fusão do real com o imaginário (SARMENTO, 2004).

Na visão de Carpenter (2010), as qualidades associadas ao fato de ser uma criança subsistem através das culturas e tempos. Desse modo, as próprias crianças e algumas das qualidades que constituem suas culturas seriam o brincar; a oralidade associada à observação, a imitação e a repetição; a atividade e o movimento; as interações realizadas face a face; o encantamento; a imaginação; a necessidade de se ocultar dos adultos; a superstição, presente no folclore infantil; a revolta; o humor; um sentido aguçado de justiça, bem como de equidade; e a natureza conservadora e mais criativa do que destrutiva de suas culturas (CARPENTER, 2010).

Com base nesses elementos e em diálogo com os trabalhos selecionados para análise, discutiremos traços das culturas infantis a partir das especificidades de bebês e crianças bem pequenas, que se sobressaíram nos trabalhos. Trataremos de suas linguagens e brincadeiras e da produção de elementos culturais para esses grupos de crianças, não esquecendo o alerta de Brougère (2010) de que não podemos opor as culturas produzidas pelas crianças e as culturas produzidas para elas, uma vez que elas são capazes de transgredir as imposições dos adultos.

AS LINGUAGENS DOS BEBÊS NAS SUAS INTERAÇÕES ENTRE PARES E COM OS ADULTOS

A interatividade é um traço das culturas da infância que ocorre quando as crianças aprendem e compartilham vivências com outras crianças (SARMENTO, 2004). Para Carpenter (2010), as crianças utilizam as interações face a face durante suas trocas interpessoais. Com os bebês, tais encontros interativos também acontecem e, embora seus modos de comunicação sejam diferentes das crianças maiores, eles também observam e imitam o comportamento de seus pares.

No estudo de Coutinho (2013), realizado com bebês entre cinco meses a dois anos de idade, foi evidenciada a existência de relações sociais entre as crianças, estruturadas a partir das referências que elas possuem articuladas às culturas em que se inserem, o que repercute na escolha de pares em suas relações. Também a autora constatou que, nessas relações, o olhar e o corpo eram utilizados para mobilizar e se relacionar com o outro (COUTINHO, 2013). Nesse sentido, os bebês utilizam-se de muitas

linguagens, para além da comunicação verbal, nos seus modos de agir no mundo e se relacionar com outras crianças e adultos.

Strenzel (2001) refletiu sobre as diferentes linguagens infantis e expressões, incluindo também a dos bebês. Muitas vezes, essas linguagens não são consideradas, pelos adultos, como movimentos de expressão, como manifestações de vontades, como formas de relacionamento com o mundo. Seria uma linguagem sem palavras, em que a dimensão do corpo e do movimento ganham amplitude especial. Tais formas de expressão também são determinadas pela cultura a que se pertence. As crianças pequenininhas possuem uma forma própria de exploração dos ambientes, de se relacionarem com objetos, com adultos e crianças, de expressarem suas emoções e estabelecerem relações sociais e afetivas diversificadas.

Eltink (2000), em trabalho sobre a inserção de crianças menores de dois anos na creche, analisado em nosso levantamento, identificou o choro dos bebês como uma manifestação que educadoras têm dificuldade para interpretar quando crianças nessa faixa etária ingressam na creche. No estudo, detectou-se que, geralmente, elas interpretavam o choro como um indício de que algo não estava bem. Com o tempo, contudo, começaram a conhecer melhor cada criança, discriminando os diferentes tipos de choro de cada uma. Ao identificar melhor os sinais de cada criança, as entrevistadas diminuíram a referência ao choro enquanto um indício de “não adaptação”. Também sobre o choro das crianças que frequentam creches, Santos (2012) buscou compreender o lugar que ele ocupa nas práticas discursivas de coordenadoras pedagógicas, as quais passaram a vê-lo como uma manifestação da linguagem, considerando seu contexto, como: chamar atenção, necessidade fisiológica, conflitos, dentre outras manifestações.

Já Silveira (2001) encontrou, entre os adultos, a ideia de que o silêncio e a falta de movimentos das crianças seriam uma qualidade, visto que a oralidade infantil era limitada com o intuito de manter a ordem. Logo, a professora que fez parte do estudo produzia o que Silveira denomina de “apequenização”. Em um contexto como esse, as crianças elaboravam linhas de escape para se libertarem desses processos de “apequenização” instituídos pela prática pedagógica da instituição. Compreende a autora que as crianças criam essas linhas quando fogem, quando produzem

novos movimentos, novas brincadeiras, quando continuam dizendo quais são seus interesses. Isso igualmente ocorre quando, mesmo que os adultos não concordem ou não gostem de suas falas, elas persistem ao saltar, correr e pular.

O conceito de culturas da infância, do mesmo modo, permite compreender as crianças como capazes de resistir à inculcação de normas e de valores (SARMENTO, 2004), sendo a revolta um dos traços de suas culturas (CARPENTER, 2010). Conforme pontua Sarmento (2004), esse entendimento implica o reconhecimento da alteridade da infância, visto que, ao serem produtoras culturais, as crianças interpretam, simbolizam e comunicam suas percepções do mundo, interagindo com outras crianças e com adultos.

No ano de 2008, o trabalho de Guimarães, sobre o contexto da creche, o cuidado como ética e a potência dos bebês, identificou a disciplina e a instrução como marcas nas relações entre adultos. No entanto, ao examinarem suas ações e emoções, os adultos abriam espaço para que as crianças fossem vistas de outra maneira, como potentes, ativas, inventivas. A própria pesquisa, ao acompanhar a trajetória dos bebês por meio de registros escritos e fotográficos, demonstrou como eles constituem sentidos no olhar, na imitação, na oferta de objetos, assim como outras diferentes formas de contato e de troca com adultos e outras crianças, manifestando, pelo choro, o descontentamento frente à espera cotidiana no momento da alimentação.

Simiano e Vasques (2011) também identificaram o automatismo de uma rotina rígida e linear na creche. Além disso, explicitaram que, com o intuito de conhecerem o espaço e de interagirem com o outro, os bebês utilizavam diversas linguagens. Ramos (2011) observou que as possibilidades expressivas não-verbais propostas pela professora, como cantar músicas retiradas de um livro de canções populares, foram ganhando novos elementos nas interações com as crianças, cuja participação ativa na proposta previamente definida pela professora foi modificando a posição das adultas.

Considerando, portanto, a amplitude e a complexidade de possibilidades identificadas a partir do levantamento, os estudos relativos às manifestações culturais dos bebês e das crianças bem pequenas necessitam considerar as diferentes formas de expressão que potencializam a alterida-

de desses grupos subgeracionais. Os corpos desses grupos expressam uma linguagem que adultas e adultos precisam interpretar com maior rigor nas pesquisas. Trata-se de uma linguagem que não é sempre verbalizada, a qual se expressa pelos gestos, choros ou, até mesmo, pelos silêncios.

MANIFESTAÇÕES DA CULTURA LÚDICA E DO BRINCAR DE BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS

No seio da cultura infantil, é possível se considerar que existe uma cultura lúdica, “um conjunto de estruturas, de esquemas, formatos, temas que permitem às crianças brincarem juntas e constituírem entre elas, comunidades de prática lúdica” (BROUGÈRE, 2010, p. 34, tradução nossa). Para Brougère (2010), as crianças pertencem a diversas comunidades de prática lúdica e transmitem elementos de um repertório a um grupo que não o conhece. Portanto, “pertencer a um grupo é participar, fazer com, brincar com, uma negociação permanente de significados”, afirma Brougère (2010, p. 35, tradução nossa). Dessa maneira, segundo esse autor, as comunidades lúdicas não começam do zero, elas aproveitam os traços de outras comunidades de prática, que são reificados pelas tradições orais, as quais, por sua vez, são repetidas e transformadas.

Dentre os trabalhos analisados em nosso estudo, Agostinho (2004) analisou que as crianças entendem a creche como um lugar de brincadeira, de liberdade, para se movimentarem, encontrarem-se. Enfim, seria um lugar das crianças. Para essa pesquisadora, a creche é o lugar de viver, de criar e de recriar as culturas infantis. Já Martins (2009) verificou que a infância do meio rural apresenta diferenciações em relação à infância do meio urbano. A primeira teria liberdade de circulação e contato com a natureza. Entretanto, em se tratando desse mesmo grupo do meio rural, percebeu carência de contato com outras crianças e colegas, o que reduzia as trocas e as oportunidades para serem construídas novas relações e amigos. No caso dessas crianças, as interações limitavam-se aos membros das famílias, e presença dos pais, nas brincadeiras, era vista como algo positivo, já que, no meio rural, as crianças possuíam mais tempo para brincar.

Esses elementos nos apresentam características das culturas das crianças situadas em uma comunidade cultural mais ampla. Ramos

(2000), em estudo acerca do brincar infantil na formação de professoras de crianças de 0 a 6 anos identificou uma menção à dimensão cultural da brincadeira, mas analisa que a ênfase recai nos aspectos psicológicos, associados ao desenvolvimento da criança, por meio do brincar. Essa autora notou que a carência da problematização dos aspectos culturais para a pequena infância repercute na ação docente.

Strenzel (2001) já havia identificado, em pesquisas, a brincadeira como um elemento essencial nas vidas das crianças, visto que, por meio do ato de brincar, elas expressavam sua imaginação e criatividade, recriando contextos. No que diz respeito às contribuições mais indiretas das Ciências Sociais para a prática pedagógica, os estudos nessa área focalizam a brincadeira, os espaços físicos, as diversas linguagens, a literatura infantil e a música. Segundo enfatizou Strenzel (2001), essas pesquisas não estão centradas na construção de conhecimentos e nas áreas do desenvolvimento, mas elas ressaltam as diferentes linguagens e expressões humanas, o que, conforme essa autora, representa um salto com relação às pesquisas da Psicologia e da Pedagogia.

Além de uma visão desenvolvimentista, o brincar é associado, muitas vezes, a uma visão romântica e inocente de infância. Porém, o brincar é onipresente na cultura infantil, mesmo nas situações perigosas. É um fim em si – uma estratégia de sobrevivência – mas é também uma forma de desenvolver um certo poder sobre si mesmo e sobre o mundo (CARPENTER, 2010). Castelli e Delgado (2015) observaram que, nas relações e brincadeiras de bebês e crianças bem pequenas com crianças mais velhas, elas são capazes de cuidar umas das outras e que os conflitos que surgem entre elas são parte de suas culturas de pares (CORSARO, 2011).

Consideramos que, embora os estudos tenham avançado em dedicar seus olhares para esse traço das culturas infantis, ainda são pouco mapeadas e divulgadas, nos anais da ANPED, as especificidades das manifestações lúdicas de bebês e de crianças bem pequenas.

CULTURAS PRODUZIDAS PARA A PEQUENA INFÂNCIA NA CRECHE

As produções sociais e culturais infantis são ricas e complexas, havendo um vai e vem entre culturas da infância e cultura dos adultos, o

que inviabiliza se tratar a cultura infantil como estando em oposição ou apartada da sociedade. Enfim, eles e elas utilizam formas especificamente infantis de representação e de simbolização do mundo. Todavia, isso não é realizado sem conexão com os adultos e com as outras formas culturais presentes no mundo, como a cultura escolar e o mercado de produtos culturais destinados à infância (SARMENTO, 2004).

A fim de evitar o risco de uma visão dicotômica entre uma cultura adulta e uma cultura infantil, autores da Sociologia da Infância (CORSARO, 2011; SARMENTO, 2003; FERREIRA, 2004, entre outros) alertam para o fato de que, ao realizarmos pesquisas com crianças, centradas no âmbito micro das experiências cotidianas e dos modos de ação das crianças, não devemos perder de vista o nível macro, isto é, o contexto social e a sociedade da qual a criança faz parte. Ainda, não podemos desconsiderar as concepções e normas que estruturam as relações sociais. A partir da Antropologia da Infância, para Cohn (2005), as crianças elaboram sentidos ao mundo e às suas experiências, compartilhando de um sistema simbólico, de uma cultura já existente. Essa cultura, por sua vez, não é única, mas composta pelas culturas familiares, midiáticas, escolares, religiosas, tradicionais (BARBOSA, 2014) e, também, pelas geracionais, locais, regionais, nacionais, dentre outros desdobramentos. Nosso interesse está voltado, neste texto, em conhecer, nesse emaranhado cultural, do qual também as crianças fazem parte, aqueles elementos culturais produzidos especificamente para bebês e crianças bem pequenas – e como elas se relacionam com eles –, o que aqui analisamos, sobretudo, no âmbito das creches, por ser o recorte encontrado na maioria dos trabalhos.

Conceição e Fischer (2015) argumentam que a creche possui uma cultura própria, em alguns aspectos diferenciada da cultura escolar, porém que não é alheia ao contexto social mais ampliado. Analisando a constituição dessa cultura a partir do processo de institucionalização de bebês e crianças bem pequenas, no interior do Paraná, na década de 1980, identificaram que os berços, as fraldas, as mamadeiras, as chupetas e as sucatas simbolizam o lugar social constituído para crianças dessa faixa etária, o que ainda repercute atualmente. Por outro lado, essas autoras observaram que, mesmo frente a uma política conformadora dos corpos, coexistia uma cultura do encontro, da convivência entre crianças

de diferentes subgrupos etários, sendo os bebês compreendidos como membros do grupo social e atuantes no contexto institucional (CONCEIÇÃO; FISCHER, 2015).

Nessa mesma linha de pensamento, Guimarães (2008) percebeu que a presença de certos objetos, como cadeiras de alimentação e berços, constituía experiências e atividades corporais que eram reguladas e circunscritas pelo ritmo dos adultos. Porém, quando os bebês e crianças bem pequenas se movimentavam livremente pelo espaço, surgiam brincadeiras, como de esconde-esconde atrás das cadeiras ou com as tripas dos cintos de amarrar em suas cinturas. Nesses momentos, eles se comunicavam e trocavam objetos pelas grades dos berços, repetiam ações e se imitavam mutuamente, na descoberta de outras possibilidades para esses objetos.

Castro (2013) também constatou que a experiência dos bebês não se limitava ao que era previsto pelos adultos, mas pela profundidade de seus atos. Assim, os bebês agiam com intensidade e empenhavam-se para manifestar suas potencialidades. Eles burlavam algumas regras, otimizando a estrutura organizativa do espaço e do tempo. Com a proposição de pensar o espaço da creche e a forma como ele se torna lugar socialmente construído pelas crianças e adultos que o habitam, a pesquisa de Agostinho (2004) detectou a necessidade de inclusão das crianças nessas investigações e a consideração de suas manifestações e pontos de vista, de modo a serem concebidos como seres sociais plenos, com especificidades próprias dessa etapa da vida.

Outro trabalho que também apresenta reflexões, para pensarmos a constituição dos espaços das creches, é o de Coutinho (2002), que, ao analisar os espaços criados em *shoppings centers*, para guardar e divertir as crianças por algum tempo, encontrou semelhanças com as práticas realizadas em escolas infantis. As similaridades se davam quanto às formas de pagamento, aos profissionais especializados na área da educação, à seleção de brinquedos, jogos e brincadeiras que pudessem auxiliar no desenvolvimento infantil. A própria autora desse estudo assinala que não sugere a perda da legitimidade escolar, e sim aponta a necessidade de que sejam direcionados mais olhares para diferentes contextos, uma vez que esses acabam também no movimento de controle e de normalização da infância, estando a inserção das crianças, nos espaços

em *shoppings centers*, especialmente, relacionada à importância que as forças do mercado apresentam no contexto atual.

A partir dos trabalhos analisados, cabe ressaltar que, ainda que a creche tenha uma cultura produzida para os bebês e as crianças bem pequenas, com objetos, materiais, espaços e tempos, como produtores e reprodutores de culturas, os bebês e as crianças bem pequenas modificam os ambientes, os tempos, os materiais e as relações com outras crianças e adultos. Isso ocorre porque produzem saberes e conhecimentos sobre as experiências cotidianas das quais participam desde seu nascimento, apresentando manifestações culturais baseadas no brincar, nos movimentos corporais, no choro, na imaginação e na interpretação do mundo, afirmando sua potência, sua força criadora e de resistência.

Tais constatações levam a um ponto de análise: mesmo sendo poucos, já há alguns estudos sendo feitos a respeito da cultura de pares, mas menos ainda sabemos ou têm sido investigados outros elementos da cultura que dizem respeito a essas crianças, como as produções pensadas para essa faixa etária, a exemplo de desenhos, músicas, livros, mobiliário, roupas, calçados e acessórios, itens para comemorações de aniversários e mesversários, brinquedos, diferentes aparatos voltados à maternidade, dentre outros. Pouco sabemos, igualmente, sobre as relações entre as culturas infantis e as culturas adultas.

Conclusões

Considerando a necessidade de conhecer o que se tem produzido a respeito das culturas da pequena infância e para a pequena infância, entendemos a relevância de estudos que façam uma compilação atualizada da temática em questão. Nesse exercício, identificamos algumas fragilidades nos contextos das produções acadêmicas, especialmente relacionadas à centralidade das discussões nas regiões Sul e Sudeste do país e à pouca presença das discussões sobre linguagens infantis, brincadeiras e produção cultural para crianças.

O levantamento da produção possibilitou a análise de abordagens, metodologias e aportes teóricos que consideram os bebês e crianças bem pequenas como atores sociais com capacidades interativas e expressões, para além de uma compreensão focada na incompletude,

dependência e vulnerabilidade. Isso não significa concebê-los como pessoas que não dependem dos adultos para sobreviver, pois, em especial os bebês, dependem da mediação dos adultos nas relações que vivenciam consigo próprios, com o mundo e com a cultura. Entretanto, conforme os relatos dos trabalhos analisados, meninos e meninas são seres ativos que, desde o nascimento, pensam, agem, comunicam-se e interagem com parceiros diversos, os quais os ajudam a significarem o mundo e a si mesmos e a realizarem um número crescente de diferentes aprendizagens.

Os estudos nos apresentaram contribuições sobre as especificidades das elaborações comunicativas de bebês e crianças bem pequenas, situadas na relação entre natureza e cultura, elementos biológicos e sociais. Também nos possibilitam confrontar a percepção adulta, marcada pela linguagem verbal e pela disciplina, com lógicas infantis genuínas de ação, participação e compreensão dos e nos contextos dos quais os bebês e crianças bem pequenas fazem parte. Entre esses modos, localizamos a presença da brincadeira nos artigos consultados, compreendida enquanto ação cultural ainda pouco investigada nessa faixa etária para além dos olhares da Psicologia e da Pedagogia. Ainda, os estudos demonstram a necessidade de olharmos para relações culturais mais amplas, as quais envolvam, por exemplo, as produções materiais, escolares e midiáticas para a pequena infância. Isso é importante em função de as crianças bem pequenas e mesmo os bebês já terem demonstrado contribuir para ressignificá-las e reconstruí-las, desafiando as percepções de que seriam alheios a elas.

Cabe, do mesmo modo, ressaltar que os estudos sobre a infância, apesar de não se ocuparem das propostas de cuidado e educação para a creche, apresentam contribuições e mudanças presentes nas produções aqui analisadas. Desse modo, os bebês e as crianças bem pequenas podem ser compreendidos como atores de sua socialização, nos estudos da infância, impulsionando pesquisas que problematizam as práticas pedagógicas recorrentes na educação infantil e que propõem a escuta e o olhar para suas diferentes linguagens, brincadeiras e interações. Portanto, mesmo que não tenha sido o foco do presente artigo, as análises contribuem para repensar a docência e a organização do trabalho pedagógico na creche, uma vez que as crianças, por meio de suas culturas,

ressignificam o espaço e as ações dos adultos, participando ativamente de seus processos de aprendizagem, em interação com seus grupos de pares e com os adultos.

Por fim, em termos de limitação do estudo que desenvolvemos, reconhecemos a utilização de uma única fonte de dados, embora destacuemos o alcance que a ANPEd possui e entendamos que essa revisão bibliográfica poderá servir de inspiração para outras pesquisas, as quais incluam, nas buscas, mais fontes. Considerando que sempre há uma interpretação quando selecionamos textos ou outros documentos em pesquisas sobre produções da comunidade científica de uma determinada área, a identificação e a sistematização, de forma atualizada, do conhecimento produzido sobre os bebês e crianças bem pequenas, com incidência nas culturas da pequena infância e culturas produzidas para a pequena infância, é um trabalho minucioso. Assim, ele não se esgota nessa investigação, pelo contrário, possibilita novos caminhos investigativos, no sentido de complementar, cada vez mais, os estudos a respeito do tema.

EARLY CHILDHOOD CULTURES AND CULTURES PRODUCED FOR EARLY CHILDHOOD: ANPED'S ACADEMIC PRODUCTION

Abstract: based on childhood studies, this article analyzes the productions of the Working Group 07, "Educação da criança de 0 a 6 anos" (Education of children from 0 to 6 years old) published from 2000 to 2017 in the Annals of the National Meetings of the Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) (National Association of Post-graduate Studies and Research in Education) on the cultures of early childhood and cultures produced for early childhood. From a literature review, the research examined aspects of contextualization of the works, conceptions of babies and very young children and some aspects of their cultures, especially in the nursery. The study considers the need to know what has been produced on the subject, so that it can contribute to qualify the initial and continuing education of early childhood education teachers.

Keywords: Childhood cultures. Early childhood. Academic production.

Notas

- 1 Apesar das variações culturais, por pequena infância, compreendemos o período da vida entre zero a três anos de idade (bebês e crianças bem pequenas).
- 2 Em publicações anteriores, já discutimos conceitos retomados neste artigo.
- 3 Como o artigo dialoga com autores/as da Sociologia da Infância, é importante destacar que esse campo é composto por diferentes correntes (SARMENTO, 2008; GAITÁN MUÑOZ, 2006), o que não é objeto de análise nesse artigo.
- 4 Construções sociais também ocorrem sobre os demais grupos, porém nos limitaremos a discutir a respeito da pequena infância.

Referências

AGOSTINHO, K. A. O espaço da creche: que lugar é este?. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu. Anais...* Caxambu: ANPED, 2004. p. 1-16. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/t073.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

BARBOSA, M. C. S. Culturas infantis: contribuições e reflexões. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 645-667, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/1870/1774>. Acesso em: 11 set. 2020.

BROUGÈRE, G. Culture de masse et culture enfantine. *In: ARLEO, A.; DELALANDE, J. (dir.). Cultures enfantines: Universalité et diversité.* Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010. p. 31-43.

CARPENTER, C. H. Les Universaux de la Culture Enfantine. *In: ARLEO, A.; DELALANDE, J. (dir.). Cultures enfantines: Universalité et diversité.* Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010. p. 45-57.

CASTELLI, C. M.; DELGADO, A. C. C. Bebês que se relacionam com crianças mais velhas: cuidados e conflitos na educação infantil. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. Anais...* Florianópolis: ANPED, 2015. p. 1-18. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt07-3704.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

CASTRO, J. S. de. A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia. Anais...* Goiânia: ANPED, 2013. p. 1-17. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt07_trabalhos_pdfs/gt07_3001_texto.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

- COHN, C. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CONCEIÇÃO, C. M. C.; FISCHER, B. T. D. Berços, fraldas, mamadeiras, chupetas e sucatas: cultura de creche aqui e lá, ontem e hoje. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ANPED, 2015. p. 1-18. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT07-4212.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.
- CORSARO, W. A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. (orgs.). *Teoria e prática na pesquisa com crianças*. Diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-58.
- CORSARO, W. A. *Sociologia da Infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COUTINHO, A. M. S. As relações sociais dos bebês na creche: um estudo numa perspectiva sociológica. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia. *Anais...* Goiânia: ANPED, 2013. p. 1-15. Disponível em: http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt07_trabalhos_pdfs/gt07_3324_texto.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.
- COUTINHO, K. D. Espaços infantis: *shopping center* é lugar de criança?. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25., 2002, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2002. p. 1-12. Disponível em: <http://25reuniao.anped.org.br/karynediascouthot07.rtf>. Acesso em: 10 set. 2019.
- ELTINK, C. F. Índícios utilizados por educadores para avaliar o processo de inserção de bebês em uma creche. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2000. p. 1-15. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt_07_05.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.
- FERREIRA, M. Do “avesso” do brincar ou... as Relações entre pares, as Rotinas da cultura infantil e a Construção da(s) Ordem(ens) Social(ais) Instituinte(s) das Crianças no Jardim-de-Infância. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (orgs.). *Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004. p. 55-104.
- GAITÁN MUÑOZ, L. La nueva sociología de La infancia. Aportaciones de una mirada distinta. *Política y Sociedad*, Madrid, v. 43, n. 1, p. 9-26, 2006. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO0606130009A/22625>. Acesso em: 13 set. 2020.
- GOTTLIEB, A. *Tudo começa na outra vida: a cultura dos recém-nascidos na África*. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013.
- GUIMARÃES, D. de O. No contexto da creche, o cuidado como ética e a potência dos bebês. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2008. p. 1-16. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-4807-int.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, R. K. As experiências educativas das crianças menores de quatro anos no meio rural. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu. Anais...* Caxambu: ANPED, 2009. p. 1-13. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-5328-int.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.
- NEYRAND, G. *L'enfant, La mère et la question du père: un bilan critique de l'évolution des savoirs sur la petite enfance*. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2000.
- NORONHA, D. P.; FERREIRA, S. M. S. P. Revisões de literatura. *In: CAMPELLO, B. S.; CONDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (orgs.). Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- RAMOS, R. L. Um estudo sobre o brincar infantil na Formação de Professores de crianças de 0 a 6 anos. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu. Anais...* Caxambu: ANPED, 2000. p. 1-10. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/0703p.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.
- RAMOS, T. K. G. Possibilidades de organização de práticas educativas na creche em parceria com os bebês: o que “dizem” as crianças?. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011, Natal. Anais...* Natal: ANPED, 2011. p. 1-16. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/imagens/trabalhos/GT07/GT07-1092%20int.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.
- RAMOS, T. K. G. As crianças no centro da organização pedagógica: o que os bebês nos ensinam? Qual a atuação de suas professoras?. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012, Porto de Galinhas. Anais...* Porto de Galinhas: ANPED, 2012. p. 1-17. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-2325_int.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.
- SANTOS, N. A. S. Você não tem motivo pra chorar - conversas sobre o choro das crianças nas creches. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 35., 2012, Porto de Galinhas. Anais...* Porto de Galinhas: ANPED, 2012. p. 1-16. Disponível em: http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-2474_int.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.
- SARMENTO, M. J. Imaginário e as culturas da infância. *In: ARAÚJO, A. F. (org.). História, educação e imaginário: Actas do IV Colóquio de História, Educação e Imaginário*. Braga: Universidade do Minho, 2003.
- SARMENTO, M. J. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. *In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (orgs.). Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação*. Porto: Asa Editores, 2004. p. 9-34.
- SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/

ago. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>. Acesso em: 11 out. 2019.

SARMENTO, M. J. Sociologia da Infância: Correntes e Confluências. *In: SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. de (orgs.). Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SILVEIRA, D. de B. A apequenação das crianças de zero a seis anos: um estudo sobre a produção de uma prática pedagógica. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 24., 2001, Caxambu. Anais...* Caxambu: ANPEd, 2001. p. 1-8. Disponível em: <http://24reuniao.anped.org.br/P0791349870850.doc>. Acesso em: 10 set. 2019.

SIMIANO, L. P.; VASQUES, C. K. Sobre importâncias, medidas e encantamentos: o percurso constitutivo do espaço da creche em um lugar para os bebês. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 34., 2011, Natal. Anais...* Natal: ANPEd, 2011. p. 1-14. Disponível em: <http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT07/GT07-410%20int.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

STRENZEL, G. R. A Contribuição das Pesquisas dos Programas de Pós-Graduação em Educação: Orientações Pedagógicas para Crianças de 0 a 3 anos em Creches. *In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 24., 2001, Caxambu. Anais...* Caxambu: ANPEd, 2001. p. 1-15. Disponível em: <http://24reuniao.anped.org.br/T0770597066492.doc>. Acesso em: 10 set. 2019.